EDITORIAL

Prof^o Dr^o Fernando de Mendonça

Prof^a Dr^a Maria do Carmo de Siqueira Nino

O tempo verbal que sintetiza nossa era é o gerúndio

Eugenio Bucci

A imagem de capa que abre esta edição temática da Revista *Intersemiose*, sobre *mise en abyme*, produzida por uma das responsáveis na organização deste dossiê, a Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo de Siqueira Nino, no ano 2000, intitula-se “Re-enquadramentos” e problematiza uma experiência criativa pessoal a partir da prática da fotografia digital e da vertiginosa consciência *em abismo*. Trata-se de um impulso que sintetiza boa parte do repertório teórico e analítico que dá corpo ao presente sumário (reunido há mais de um ano e somente agora trazido a público, numa edição retroativa, por conta de dificuldades com o isolamento pandêmico e a diminuição de incentivos no âmbito acadêmico brasileiro), a saber: reflexos especulares, intermedialidades, postura paródica, diálogos metalinguísticos, hibridismos, repetições autorreflexivas, fragmentações labirínticas, dentre tantos outros efeitos que decorrem da intrincada problematização que se alcança a partir da estrutura abismal. Algumas considerações sobre o trabalho de Nino podem ser inicialmente destacadas, com o intuito de lançar luz a questionamentos concernentes à heterogênea reunião de textos aqui disposta.

“Re-enquadramentos” integra a série *Projeções*, constituída principalmente de trabalhos que são feitos a partir do escaneamento de fotografias — em sua maioria autorretratos ou simplesmente retratos da vida da autora, do passado que remonta da infância a vivências mais recentes. Fotos comuns de família, assim como de parentes e de amigos, ou ainda o registro de paisagens ou lugares guardados com uma lembrança afetiva. Refazendo estes idos caminhos em um lento vagar que vai de foto em foto, inicialmente na seleção das imagens e posteriormente na metódica construção das futuras e novas configurações imagéticas, a relação de temporalidades adquire, assim, um caráter presencial, uma dimensão sensorialmente tátil muito forte, amorosa no sentido proustiano, pela atenção dada aos detalhes, ou ainda barthesiano, já que submetida a acasos

interiores e exteriores. Revela-se cara a ideia de um olho-tato, um olho háptico, que ao tocar em algo lhe proporciona vida, animando-o. Presente que mergulha de imediato no passado, mas que, nem por isso, deixa a imagem fotográfica fora de uma abertura ao pensamento e à fruição, pronta a se tornar viva, a se achar no olhar de quem a observa, numa espécie de abrandamento do seu peremptório *foi*.

A apropriação de fotos pessoais e a produção mais recente de imagens constituem o ponto de partida, o vocabulário formal com o qual o imaginário criativo se defronta nas operações de ressignificação efetuadas: elas são então trabalhadas e inseridas em um âmbito estético, simbólico, social e histórico, diferentes daqueles que prioritariamente seriam os de sua origem. Dialogam com a história da cultura visual, com a história da arte, ou, como diria Malraux, simplesmente com a história daquilo que é fotografável. Na imagem, a prática dominante da colagem consiste fundamentalmente em dissociar para recompor, em um processo inicial que remete ao fragmentário para em seguida o reunir. Eis o fascínio pela imagem: um novo traçado para os desejos, etimologicamente *dis-cursos*, entre afetos e desa-fetos, numa atitude análoga a de quem faz uma declaração de princípios, assumindo a natureza hedonista, não de todo inconsciente da extrema solidão à qual Barthes se refere.

Verifica-se que o espectro geral da maioria das estratégias artísticas de criação fotográfica, que tiram partido do uso do computador, tem particular conexão com os temas do corpo, do espaço, da identidade, da autenticidade e da memória, embora estas sejam questões que já estavam presentes no cenário artístico através de outros meios, onde a fotografia tem provado ser um veículo de transição, interface entre mídia analógica e digital, e como tal, um dos agentes neste campo de tensão. Em *Projeções* há indexação do próprio tempo nas imagens, uma vez que, isolando um traço do passado, tem-se a consciência do espaço-tempo que pode ser investido pela emoção, é claro; mas principalmente por colocar em confronto a possibilidade para o observador de reconhecer nessas imagens referências culturais, históricas, simultaneamente de diversos períodos e espaços, ligadas à própria história da nossa visualidade no ocidente.

A citação paródica incita o observador a estabelecer comparações com os detalhes conhecidos, rememorando o quadro e comparando com o que ele percebe na imagem que passa diante de si, atribuindo significações de valor às mudanças. Antes de tudo, lugar privilegiado do *processual*, a tecnologia digital, imagem sempre pronta a ser presentificada com a fluidez que lhe é singular, primeiro ao viabilizar através da numerização das imagens, e depois, neste caso, ao incorporar efetivamente a temporalidade narrativa, estabelece um contraponto complexo e desafiador para permitir que esse jogo intertextual se concretize e nele, por sua vez, se reflita. Trata-se de um jogo amparado pelos evidentes ecos *em abismo*, localizados em múltiplas camadas de nossa capa, e motivador do impulso que orienta todo o estímulo desta edição.

Nesse sentido, as contribuições recebidas e aqui contempladas, de pesquisadores e pesquisadoras nacionais (contam-se três regiões representadas), de estudantes da iniciação científica à pós-graduação, assim como de docentes em atividade contínua de pesquisa, afinam-se pelo interesse especialmente amparado na interseção da *mise en abyme*. Reflexões literárias, pictóricas, digitais, cinematográficas e audiovisuais, passando por interações com a mídia dos games e um interesse também voltado para o auto processo criativo, dão forma a uma unidade que, mesmo híbrida e fragmentária, não deixa de se estabelecer com rigor e intencionalidade, irmanando-se à problematização do olhar lançado na capa. Olhar que não se finaliza, mas que se oferta em condição de ser *olhante*, em permanente gerúndio, como este que continuamos vivenciando nas artes e nos estudos intersemióticos.